

Maneira e método. Notas para uma genealogia da Crítica a partir da “Metodologia do gosto” da *Crítica do juízo*

[Manner and method. Notes for a genealogy of the Critique from the “Methodology of taste” in the *Critique of judgment*]

Nuria Sánchez Madrid*

Universidade Complutense de Madrid (UCM), Madrid, Espanha

1. Espaço público e método crítico. O abandono do monopólio das escolas pelos interesses da razão

Por meio do termo “Metodologia” ou “Doutrina do método”, entendido de um ponto de vista crítico, Kant toma uma distância consciente face ao modelo de linhagem wolffiana de *Lehrart*, ao indicar que o método não concerne unicamente ao *ensino* e mera transmissão de uma matéria, mas também – e talvez mais fundamentalmente – ao *modo de pensar*¹. Se a metodologia demarca aquela parte de uma obra onde está em jogo o científico dela, no caso da razão a cientificidade adotará o aspecto da consciência de um *décalage* não ultrapassável entre a realidade objetiva do sistema e os passos nos quais é preciso desenvolvê-lo. Entre uma dimensão e outra, pelo menos para nós, os homens, haverá sempre um *hiato*. Um trecho da *Disciplina da razão pura no uso dogmático* concentra-se justamente nesse desequilíbrio:

* Email para contato: nuriasma@filos.ucm.es

Este artigo resulta da pesquisa realizada no âmbito do Projeto *Naturaleza humana y comunidad (II): H. Arendt, K. Polanyi y M. Foucault. Tres recepciones de la Antropología política de Kant en el siglo XX* (FFI2009-12402), apoiado pelo MICINN do Governo de Espanha. Agradeço as prezadas observações recebidas durante o VI Colóquio Kant da UNESP (Campus de Marília) do professor Claudio La Rocca, relativas ao enfoque da oposição entre exposição escolar e exposição popular no pensamento de Kant, que sustentei numa versão anterior do texto. Tais sugestões me deram a oportunidade de melhorar a argumentação do presente artigo.

¹ *Logik Dohna-Wundlacken*, AA 24: 779: “Das Wort methodus wird nicht hinlänglich durch *Lehrart* übersetzt. Denn es gibt ebenso eine Methode als *Denk-* wie als *Lehrart*”.

[O] método pode ser sempre sistemático. Porque a nossa razão (subjetivamente) é ela própria um sistema, embora no seu uso puro, mediante simples conceitos, seja somente um sistema de investigação segundo princípios da unidade, ao qual só a experiência pode fornecer a matéria. Porém, acerca do método próprio de uma filosofia transcendental nada aqui pode ser dito, pois só nos ocupamos de uma crítica das condições de nossa faculdade, para saber se podemos construir o nosso edifício e até que altura, com o material que temos (os conceitos puros a priori), o podemos elevar.²

No texto anterior, mesmo que pertença à *Disciplina da razão pura*, o tom dominante provém da *Arquitetônica da razão pura*, quer dizer, da “doutrina do que há de científico no nosso conhecimento em geral” (A 832/ B 860), que desempenha a função de eixo das partes restantes, sem prejuízo do fato de que todas contenham observações relevantes sobre o significado de uma doutrina do método da razão pura. A *arte dos sistemas* frisa com ênfase o fato de que estes parecem ter sido criados por uma *generatio aequivoca*, ainda que, afinal, todos mostrem ser o desenvolvimento de um único germe primitivo (A 835/ B 863) presente na razão humana. Esse enfoque organicista e embriológico bastaria para diferenciar a noção kantiana de sistema de uma *lógica prática*, que permanecerá num nível excessivamente superficial, conquanto não coloque a questão dos limites das faculdades superiores de conhecer. Com efeito, todas as ciências devem considerar-se – salienta Kant – como aplicações da lógica³, porém, visto que não todas compartilham um idêntico uso da razão, o cerne comum a todas elas carece de uma dimensão construtiva:

Entendo assim por doutrina transcendental do método a determinação das condições formais de um sistema completo da razão pura. Neste propósito, teremos que nos ocupar de uma *disciplina*, de um *cânone*, de uma *arquitetônica* e, finalmente, de uma *historia* da razão pura e realizar de um ponto de vista transcendental aquilo que, com o nome de *lógica prática*, relativamente ao uso do entendimento, era tentado nas escolas, mas mal executado, pois não estando a lógica geral limitada a nenhuma espécie particular do conhecimento intelectual (por exemplo, ao conhecimento puro), nem tampouco a nenhum objeto particular, não pode, sem ir buscar conhecimentos a outras ciências, fazer mais do que propor títulos para *métodos possíveis*, e expressões técnicas de que nos servimos em relação ao que há de sistemático em todas as ciências. (A 708/ B 736)

² *KrV*, A 737-8/ B 765-6. As referências à *KrV* seguirão a tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, 7ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

³ *Wiener-Logik*, AA 24: 794 “Alle Wissenschaften aber sind praxis der Logik, weil ohne Logik keine Sache fortkommen kann”; cf. 508: “Wir sagen jede Wissenschaft ist eine angewandte Logik. Denn in jeder Wissenschaft müßten wir eine Form des Denkens haben”.

A reprovação de *tautologia* que envolve o discurso sobre o sistemático de todas as ciências é a principal acusação que Kant dirige a esse aspecto da lógica, que deve diferenciar-se da *Lógica aplicada*⁴, centrada nas condições empíricas e contingentes do uso *in concreto* do entendimento, motivo pelo qual depende dos conteúdos estudados pela psicologia. Embora uma lógica prática tenha como alvo o esperançoso ideal de perfeição lógica do conhecimento⁵, carece dos instrumentos que lhe permitiriam atingi-la⁶. O método deveria indicar que condições levam um conhecimento à perfeição e quais são as vias para promovê-las, o que, do ponto de vista lógico, remete à *distinção* [*Deutlichkeit*], ao *rigor* [*Gründlichkeit*] e à *ordenação sistemática* [*Anordnung*] dos materiais que conformam uma ciência. No que tange à *distinção* do conteúdo dos conceitos, as operações de *exposição* [*Exposition*] e *definição* [*Definition*] concernem à *extensão* dos mesmos, enquanto a *divisão lógica* [*Eintheilung*] deles esclarece o seu *alcance* [*Umfang*]⁷. O excessivo interesse dirigido geralmente pelos filósofos à dimensão mais objetiva e exterior de um corpo metódico corre justamente o risco de descuidar das suas indispensáveis condições subjetivas, que ocupam uma posição relevante em mais de uma parte da *Methodenlehre* do projeto crítico. Por exemplo, em contraste com a segurança com a qual o matemático progride no seu trabalho, conforme o método sintético, o filósofo não se isentará nunca dum certo ceticismo, pelo fato de ter de prestar uma atenção constante às consequências resultantes em cada caso das proposições defendidas e de determinar o valor autêntico que cada uma delas possui em relação às outras. Sem essa variação de ritmo nas respectivas pesquisas de um e de outro não haveria diferenças marcantes entre filosofia e matemática⁸. A mesma lentidão com a qual a filosofia deve assegurar os

⁴ *Vd. KrV*, A 53/B 77 e A 54/B 77-78.

⁵ *Logik-Busolt*, AA 24: 682 “O objeto principal da lógica prática é o método, isto é, a disposição do conhecimento múltiplo com toda perfeição lógica, na medida em que deve ser compreendido num todo”.

⁶ *Logik-Philippi*, AA 24: 338-339: “É um erro dos sábios o fato de eles prescrever as condições sob as quais um conhecimento é completo; assim acreditam ter oferecido os meios para conseguir a perfeição. De esse modo estão constituídas todas as lógicas práticas. Elas são tautológicas e, ao invés de oferecer meios para resolver as perguntas, dão as mesmas perguntas de troco”; *cf. op. cit.* p. 319.

⁷ *Logik-Jäsche*, § 94 “Condições da distinção dos conceitos”, AA 09: 140; trad. Fausto Castilho, Coleção Multilíngües de Filosofia Unicamp, Edufu/Editora Unicamp, 2003.

⁸ *Refl.* 2513, AA 16: 400: “Philosophische Sätze (reine, synthetische) lassen sich nicht so ohne Bedenken auf ihren eignen Credit und abgesondert mit Beweisen vorgetragen als entschieden vortragen, sondern man muß auf die Folgerungen sehen: ob sie sich da halten, ob sie nicht einen Mangel der genaueren Bestimmung oder gar Irrthum verrathen, und darin sind sie von mathematischen Unterschieden. Daher muß der Philosoph das ganze seiner Wissenschaft übersehen, um jeden Satz in Verhältnis auf alle zu beurtheilen und ihm [nur] alsdenn seinen wahren Werth zu bestimmen”.

seus passos põe de manifesto que, no uso filosófico da razão, deve ter-se em conta um fenômeno desconhecido pelo matemático, quer dizer, uma ilusão que pertence à estrutura da razão, chamada *aparência transcendental*, que faz com que essa faculdade continue a apresentar miragens e a produzir erros obstinados, os quais mantêm em alerta, sem trégua, a quem está a razoar:

A razão [...], nas suas investigações transcendentais, não poderá olhar à sua frente tão confiadamente, como se o caminho que percorreu venha a conduzir diretamente ao fim; nem contar com as premissas que tomou, com tanta audácia, por fundamento, que não sinta a necessidade de se voltar muitas vezes para trás e ver se por acaso não se descobrem, na marcha dos raciocínios, erros que lhe teriam escapado nos princípios e tornassem necessário ou determinar melhor esses princípios, ou mudá-los completamente. (A 763-4/ B 735-6)

A atenção que a noção kantiana de uma doutrina do método dirige às condições subjetivo-transcendentais do progresso do conhecimento e à necessidade de que um conhecimento racional não o seja somente de um ponto de vista objetivo, mas também de um ponto de vista subjetivo – do que depende a diferença entre uma *cognitio ex datis* e uma *cognitio ex principiis* (A 836/ B 864) –, é a questão central que tencionamos enfocar nesta intervenção, que, em último termo, nos levará a indagar se a arte da comunicação universal dos pensamentos, mencionada na *Metodologia do gosto* da terceira *Crítica*, oferece materiais de interesse para a investigação sistemática da razão, sem que este fato suponha emenda nenhuma da heterogeneidade sem paliativos entre a unidade estética duma série de pensamentos e a unidade lógica dos mesmos. Com efeito, a posição defendida pela Crítica frente a dogmáticos e céticos sustém que cada homem tem a sua voz na razão humana universal e que a mesma atividade do pensamento dificilmente poderia considerar-se desligada da co-presença dos outros, que podem replicar às nossas afirmações e provocar a modificação delas:

[Q]uanto e com que correção pensaríamos nós se, por assim dizer, não pensássemos em comunhão com os outros, aos quais comunicamos os nossos pensamentos e eles nos comunicam os seus! Pode, pois, muito bem dizer-se que o poder exterior, que arrebatava aos homens a liberdade de comunicar publicamente os seus pensamentos, lhes rouba também a liberdade de pensar: o único tesouro que, não obstante todos os encargos civis, ainda nos resta e pelo qual apenas se pode criar um meio contra todos os males desta situação.⁹

⁹ *WhDo?*, AA 08: 144; trad. de A. Morão.

A referência anterior não nos parece extemporânea, pois uma doutrina do método crítica não podia permanecer insensível à influência que a co-presença dos outros seres pensantes exerce sobre nós. Amiúde as polêmicas com as quais a Crítica tem de lidar exigem evocar as virtudes das *humaniora*, a fim de resolver conflitos como o que constitui a terceira antinomia dinâmica. O livre exercício da Crítica, do qual depende a mesma existência da razão (A 766/ 738), repousa no “direito originário da razão humana de não conhecer nenhum outro juiz senão a própria razão humana universal, onde cada um tem a sua voz” (A 752/ B 780). A seguinte seqüência de referências providenciará um horizonte suficiente sobre a dependência entre o *método crítico* e a *arte da discussão*. Começaremos com a prevenção crítica, mediante a legislação negativa que leva o nome de *disciplina*, frente à “adoção pouco hábil de métodos” (A 712/ B 740) que certamente podem resultar convenientes para o uso da razão na matemática ou na física experimental, contudo, ser desaconselháveis no campo da metafísica. Poderíamos adicionar ao anterior as advertências kantianas sobre a utilidade do *método cético*, no qual se trata de “assistir a um conflito de afirmações, ou antes, de o provocar, não para se pronunciar no fim a favor de uma ou outra parte, mas para investigar se o objeto da disputa não será uma ilusão” (A 423/ B 451).

Ao interpor tal distância, no que diz respeito às partes enfrentadas, o juiz crítico fará como “esses sábios legisladores que, em face das perplexidades dos juízos nos processos, colhiam ensinamentos quanto ao que era deficiente ou insuficientemente determinado em suas leis” (A 424/ B 451-2). Essa tendência a sublinhar as origens do método crítico, na sabedoria política da Antiguidade clássica, é uma constante no texto kantiano, de maneira que o juiz crítico parece agir como um dos sete sábios de Grécia, ao descobrir perspectivas completamente inusitadas nos processos jurídicos que envolvem a razão, o qual permite chegar a um *compromisso* para as duas partes [*zu beider Theile Genugthuung vergleichen*] – em ambages no caso dos conflitos dinâmicos –, suprindo “a escassez de razão dos argumentos jurídicos que de ambos os lados tinham aduzido falsamente”¹⁰ por meio de um aumento de determinações tocantes ao campo legítimo das representações em causa. Vem também a propósito o fato de as objeções de caráter crítico, à diferença das formuladas de um ponto de vista dogmático ou cético, se dirigirem contra a *prova* de uma proposição (A 388-9), isto é, o fato de elas comprovarem se os argumentos trazidos em apoio da proposição em questão são corre-

¹⁰ *KrV*, “Nota final sobre a solução das ideias matemático-transcendentais e advertência sobre a solução das ideias dinâmico-transcendentais” A 529/B 557-A 530/B 558.

tos ou não, impugnando não a proposição mesma, mas os seus fundamentos. Desse elenco de textos, extraímos a seguinte conclusão: a doutrina kantiana do método pressupõe que este – especialmente como *Denkart* – proceda do uso livre da razão, ou seja, o método não é resultado da egoísta e ensimesmada teimosia do sábio, todavia, de um exercício público e comum da razão, onde graças à exposição pública dos razoamentos os erros possam ser mais facilmente localizados e corrigidos.

2. Verdade e método. A difícil virtude da ciência, entre os extremos da pedanteria e do mundanismo.

Seria consequência de uma *metábasis eîs allo génos* supor que a ciência não atingiria as condições de uma completa perfeição até ter satisfeito as condições da obra de arte bela. Isso não quer dizer que a ciência possa mostrar uma completa insensibilidade face às necessidades e fraquezas do ânimo humano, que, sem dúvida, têm influência no processo cognoscitivo. Toda ciência deve conceder prioridade à clareza *discursiva* [*diskursive Deutlichkeit*], isto é, lógica, alcançada por meio de conceitos, sobre aquela estética e *intuitiva* [*intuitive Deutlichkeit*], obtida através de exemplos e esclarecimentos *in concreto*. Enquanto o *método científico* ou de escola parte, quer de proposições fundamentais ou princípios [*Grundsätze*], quer de proposições elementares [*Elementar-Sätze*], o *método popular* desfruta da vantagem de escolher o que o autor da exposição considere mais costumeiro ou interessante, com vista ao entretenimento do leitor¹¹, ou seja, tem licença para se concentrar nos *parerga*, o que pressupõe que a cientificidade do conteúdo esteja já garantida. No entanto, apesar de confessar que há uma clareza atingida por meios puramente intuitivos, a Crítica não supõe nenhuma concessão da ciência em prol da popularidade, pois, embora ela se oponha ao *dogmatismo* (B XXXV), quer dizer, à falta da crítica da razão como capacidade de conhecer, essa oposição não é extensiva ao *procedimento dogmático* – como é bem sabido –, isto é, aos princípios *a priori* que garantem a cientificidade do conhecimento. Bastaria esta ressalva para afastar a suspeição de a Crítica favorecer em algum sentido “a superficialidade palavrosa que toma a despropósito o nome de popularidade” (B XXXV-XXXVI). Apenas deveria dirigir-se atenção à segunda, caso houvesse ocasião, após ter satisfeito a primeira, pois seria ilegítimo deixar em mãos de exemplos e explicações adicionais o fundamento conceitual dum discurso:

¹¹ *Logik-Jäsche*, § 115 “Método científico ou método popular”, AA 09: 148.

De facto, os expedientes para ajudar a ser claro são uteis nos *pormenores*, embora muitas vezes distraiam de ver o *conjunto*, impedindo o leitor de alcançar, com suficiente rapidez, uma visão desse conjunto; com o seu brilhante colorido encobrem, por assim dizer, e tornam invisível a articulação ou a estrutura do sistema, que é o mais importante para se poder julgar da sua unidade e do seu valor.¹²

Daí a surpresa de Kant nos *Prolegômenos*, face às reprovações que lhe foram dirigidas pela falta de popularidade, entretenimento e facilidade da primeira *Crítica*, visto que só quando a existência dum conhecimento prezado e indispensável para a humanidade se vê delimitado conforme a uma rigorosidade escolar chega o momento de pensar na *popularidade*¹³, complemento subsidiário da clareza lógica. A conclusão da segunda *Crítica* é inequívoca, no tocante a essa distribuição de operações, além de provida de uma considerável carga retórica, no bom sentido que o termo conserva para Kant:

[A] ciência (procurada mediante a crítica e conduzida com método) é a porta exígua que conduz a *doutrina da sabedoria*, se entendermos esta não apenas pelo que se *deve fazer*, mas pelo que deve servir de fio condutor aos *mestres* para explanar bem e com pleno conhecimento o caminho da sabedoria, que todos devem seguir, preservando os outros dos erros, ciência esta que deve ser custodiada pela filosofia, não devendo o público tomar parte em tão sutil investigação, embora deva participar com vivo interesse nas *doutrinas* que possam surgir, depois dessa elaboração, com uma clareza meridiana.¹⁴

Noutro caso se fará do entendimento vulgar ou bom-senso uma espécie de “varinha mágica” que, no entanto, resulta claramente anti-teórica, pois “não tem mais nenhum uso a não ser enquanto ele pode ver as suas regras confirmadas pela experiência”¹⁵, não compreendendo nunca as regras do entendimento na sua universalidade, isto é, permanecendo num nível empírico e não transcendental. Idêntico modo de proceder deve seguir-se no campo prático, de sorte que, até a doutrina moral não

¹² *KrV*, A XIX; *cfr.* R 3326, AA 16: 781: “*Modus*, a maneira, diferencia-se do *methodo* no seguinte: o método é um *modus* que parte de princípios, aquele só tem fundamentos empíricos, e.g. *svaviter in modo, fortiter in re*. As investigações sobre o método são as últimas e as mais difíceis”.

¹³ *Proleg.*, AA 04: 261 “Confesso, no entanto, que não esperava ouvir de parte de um filósofo, queixas por causa da falta de popularidade, entretenimento e agrado, quando se trata da existência de um conhecimento conceituado, indispensável à humanidade, e que não pode estabelecer-se senão de acordo com as regras mais severas da exatidão escolástica; poder-se-á, sem dúvida, vulgarizar co o tempo, mas não desde o início. Só no tocante a uma certa obscuridade que, em parte, provém da extensão do plano, na qual não se podem abranger os pontos principais a que se chega neste estudo, é justificada a queixa e a isso queria eu obviar com os presentes *Prolegômenos*”, trad. de Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1988.

¹⁴ *KprV*, “Conclusão”, AA 05: 163.

¹⁵ *Proleg.*, AA 04: 370.

estiver suficientemente fundada na metafísica e os conceitos morais elevados aos princípios da razão pura, não chegará o momento oportuno para proporcionar receptividade aos últimos no ânimo mediante a concessão à popularidade¹⁶. O processo de *fundação* de uma metafísica dos costumes deve anteceder ao de *acolhimento popular* dela, de maneira que seria

um completo disparate querer ser complacente com a popularidade já na primeira investigação, da qual depende toda a correção dos princípios. Não só porque esse procedimento jamais pode reclamar o mérito raríssimo de uma verdadeira *popularidade filosófica*, uma vez que não é arte alguma fazer-se compreender do comum dos homens renunciando a todo discernimento metucioso, mas isso produz também uma mixórdia tediosa de observações mal-alinhavadas e princípios semi-raciocinantes, com o que se delicias as cabeças insossas, porque sempre serve para a conversa fiada de todo o dia, ao passo que as dotadas de discernimento se sentem confusas e, descontentes, não podem senão desviar os olhos; a pesar do que, os filósofos que enxergam muito bem através desses embustes pouco ouvido encontram quando conclamam a se afastar por algum tempo da pretensa popularidade, para só depois de chegar a um determinado discernimento conquistar o direito de ser popular.¹⁷

A *Metodologia da razão pura prática* lembra novamente a importância de manter essa hierarquia entre método e maneira, pois visará justamente à questão de proporcionar às leis da razão pura prática acesso ao ânimo por meio de uma pedagogia que contribua para a emergência de um “puro interesse moral” no jovem, a fim de que acresça a influência que tiver nele a “força motriz da representação pura da virtude”, único motor do cumprimento das leis morais, e, assim, a razão objetivamente prática se torne também subjetivamente prática¹⁸. Porém, como tanto a escola como o entendimento comum sofrem de preconceitos, embora esses não adoeçam das mesmas fraquezas, será uma decisão sábia compensar os defeitos de uma com as virtudes da outra, tendo sempre presente que “uma verdadeira *popularidade filosófica*” exige experiência e destreza. Para além da imagem hierárquica entre a exposição *in abstracto* e *in concreto* dos conteúdos, Kant louva a difícil procura de uma *proporção* entre ambas as modalidades, da qual só pode aguardar-se uma espécie de aperfeiçoamento do discurso:

¹⁶ Vd. *GMS*, AA 04: 409.

¹⁷ *GMS*, AA 04: 409-410.

¹⁸ Vd. *KprV*, AA 05: 153.

Encontrar, em um mesmo conhecimento, a proporção entre representações *in abstracto* e *in concreto*, entre, portanto, os conceitos e sua apresentação [*Darstellung*], e assim alcançar o máximo de conhecimento tanto em extensão como em conteúdo, é no que consiste a *arte da popularidade*.¹⁹

Se o método é o modo que estabelece como é que se deve conhecer exhaustivamente um objeto, a exposição escolar tenciona tratar esse mesmo objeto como ciência, enquanto a modalidade popular se interessa apenas pela mais rápida e transparente compreensão do mesmo, evitando o uso de termos técnicos e uma disposição científica propriamente dita, cujo domínio precisa de uma adequada formação. Ainda que a exposição escolar seja o fundamento da popular²⁰, Kant sublinha que a extensão da cultura e a prática na divulgação dos materiais científicos, aos quais se adiciona a *Weltkenntnis*²¹, contribuem para evitar a queda do científico no excesso da *pedanteria*, tão indesejável como o defeito contrário do *mundanismo*, quer dizer, a redução do científico à mera *galanteria* brincalhona. O pedante, ao carecer de todo conhecimento do mundo, “não conhece a maneira e o modo de levar sua ciência aos homens”²² e, mesmo que esteja bem provido de fórmulas, ignora tanto a essência quanto o fim dos conteúdos que ensina. Se houver um sentido legítimo do popular, isento do perigo da superficialidade, ele passará pela diferenciação entre uma *poli-história*, tão espantosa quanto restrita, e o conhecimento das *humanidades*:

A mera polihistoria é uma erudição ciclópica: falta-lhe um olho, o olho da filosofia. Um cíclope de matemático, de historiador, de naturalista, de filólogo e conhecedor de idiomas é um douto, grande em todos esses domínios, mas que considera supérflua toda filosofia a respeito deles.

Uma parte da filologia é constituída pelas *humanidades* [*Humaniora*], entendidas como o conhecimento dos Antigos para promover a *unificação da ciência e do gosto*, polindo a rudeza e favorecendo a comunicabilidade e a urbanidade, que são aquilo em que a *humanidade* consiste.²³

¹⁹ *Logik-Jäsche*, § 16 “Uso *in abstracto* e uso *in concreto* dos conceitos”, AA 09: 100; *cfr.* *Logik-Jäsche*, AA 09: 47: “Essa condescendência com a capacidade de compreensão do público e com as expressões habituais, embora sem preterir a perfeição de escola, mas cuidando apenas para que a vestimenta dos pensamentos esteja disposta de modo que não se veja o esqueleto, isto é, o que tal perfeição tem *de escola e de técnica* —assim como as linhas em que se escreve são traçadas a lápis e depois apagadas—, essa perfeição verdadeiramente popular do conhecimento é, na realidade, uma grande e rara perfeição, que revela muita penetração na ciência”.

²⁰ *Logik-Pöhlitz*, AA 24: 509: “Der scholastische Vortrag ist das Fundament des populären”.

²¹ *Vd. Logik-Pöhlitz*, AA 24: 508-509.

²² *Logik-Jäsche*, Introd. VI A), AA 09: 46.

²³ *Logik-Jäsche*, AA 09: 45.

O cultivo das humanidades permitirá que, uma vez aprendido metodicamente na escola o conhecimento, ele se torne “fácil e universalmente comunicável”²⁴, sem que o rigor seja suplantado pela popularidade, com o conseguinte prejuízo para a ciência²⁵. Na *Antropologia em sentido pragmático*, no contexto da apologia da sensibilidade dos cargos que lhe são injustamente aderidos, lemos que a lógica reprova a sensibilidade pela suposta superficialidade dela, enquanto o entendimento recebe a exprobração de ser seco e árduo demais²⁶. Pelo contrário, o tratamento estético foge aos dois defeitos, ao harmonizar intuítos das duas forças de conhecimento, disponibilizando graças à exigência da transmissão uma “unidade segundo leis empíricas do trato” [*Einheit nach empirischen Gesetzen des Umgangs*]²⁷.

Mas, para além da abertura ao conhecimento do mundo, parece que a mesma assunção do conhecimento no ânimo humano disponibiliza elementos úteis para aprimorar a comunicabilidade dos pensamentos. Na *Dedução dos juízos estéticos puros*, Kant introduz um trecho carregado de um inesperado sentido retórico, no qual se divide entre dois modos de composição dos pensamentos:

Em verdade, há na exposição dois modos (*modus*) em geral de composição de seus pensamentos, um dos quais chama-se *maneira* (*modus aestheticus*), e o outro, *método* (*modus logicus*), que se distinguem entre si no fato de que o primeiro modo não possui nenhum outro padrão que o *sentimento* da unidade na apresentação, enquanto que o outro segue *princípios* determinados; para a arte bela vale, portanto, só o primeiro modo. Um produto chama-se *maneirista* unicamente se a apresentação de sua ideia *visar* nele à singularidade e não for tornada adequada à ideia.²⁸

²⁴ *Logik-Jäsche*, AA 09: 47.

²⁵ *Logik-Busolt*, AA 24: 682: “O método se opõe à maneira. Esta última exige apenas uma espécie de ensino comum [*gemeine Lehrart*] e, assim, cada um tem a maneira dele, o gosto dele. Por isso, a popularidade é aqui a parte principal. A maneira é uma forma de tratar o objeto conforme leis racionais. A maneira, conseguintemente, como todo o que é empírico, não se deixa levar sob regras. No entanto, a popularidade é a propriedade más digna de louvança pelo seguinte: pressupõe a perfeição lógica, visto que não é outra coisa que *accomodatio logicae cognitionis ad sensum communem*. Amostra-se aqui, sem arte nenhum, como os nossos conceitos se alargam gradativamente sem rigor escolástico. Para além disso, maneira e método caracterizam-se pelos seguintes rasgos: o método pertence à ciência; a maneira meramente ao entretenimento”.

²⁶ *Vd. ApH*, § 11, AA 07: 146: “Uma censura que a lógica lança contra a sensibilidade é a seguinte: reprova-se o conhecimento proporcionado pela *superficialidade* (individualidade, restrição ao singular), ao passo que o entendimento que se dirige ao universal, mas, por isso mesmo, tem de se acomodar com abstrações, é censurado por sua *aridez*. Mas o modo de consideração, cujo primeiro requisito é popularidade, segue um caminho pelo qual se pode contornar ambos erros”.

²⁷ R 3325, AA 16: 781.

²⁸ *KU*, § 49, AA 05: 318-319; *cfr.* R 3333, AA 16: 784: “*Modo* [*Modus; Lehrart*], é quer *modo estético* [*modus aestheticus*]: maneira [*Manier*], quer *modo lógico* [*scholasticus; logicus*]: método (*ª* *Forma systematis*). Aquela é (*ª* visa à) popularidade, este (*ª* visa ao) método escolar (*ª* perfeição).

A dupla modalidade de composição dos pensamentos se opõe, por sua vez, à carência de organização, o qual faz com que a unidade meramente sentida da apresentação não entre em contradição com sua articulação científica, mesmo que no melhor dos casos a primeira apenas seja o preâmbulo que anuncia e prepara a chegada da segunda, a única autenticamente científica²⁹. Ainda que o mero sentimento da unidade na apresentação de uma série de conteúdos conceituais não seja suficiente para atingir o nível das regras do entendimento, poderia dizer-se que esse sentimento supõe o começo, ainda obscuro e indeterminado, da conformidade sistemática de uma multiplicidade de pensamentos. Segundo a *Arquitetônica da razão pura* é bastante comum que os autores se enganem sobre ideias que não conseguem tornar claras para si próprios, e que algumas delas se encontrem tão profundamente escondidas neles que apenas com o tempo se torne viável “[vê-las] a uma luz mais clara e esboçar arquitetonicamente um todo segundo os fins da razão” (A 832-3/ B 862-3), o que facilita a comparação de bastantes dos produtos dela com o nascimento atribuído aos vermes.

A procura dum exemplo concreto dessa coexistência do *modus aestheticus* e do *modus logicus* no progresso do saber nos levará até à *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Na terceira secção dessa obra, Kant deixa a diferença entre mundo sensível e mundo do entendimento primeiramente a cargo de “uma obscura distinção do poder de julgar que ele chama de sentimento”³⁰, que gradativamente conflui “numa distinção menos grosseira” (*ibid.*) entre os dois regimes de legalidade apontados acima, até poder afirmar, mediante o progresso da reflexão, que um ser racional tem a dispor “dois pontos de vista a partir dos quais poder se considerar” (*ibid.*). Este trecho da *Fundamentação* mostra que, embora um obscuro sentimento, pertencente mais à ordem da maneira do que à do método, possa estimular o começo de uma pesquisa das fontes últimas dos nossos conhecimentos, o científico dessa atividade consiste em deixar atrás essa primeira fase em prol de atividades mais produtivas,

A lógica prática trata apenas da forma de uma ciência em geral e da exposição dela. Consequentemente, trata do método”.

²⁹ *Logik-Jäsche*, § 94 “Maneira e método”, AA 09: 139: “Cada conhecimento e o todo de conhecimentos devem estar conformes com uma regra: a ausência de regra [*Regellosigkeit*] é o mesmo que o oposto da razão [*Unvernunft*]. Mas essa regra é ou regra da *maneira* (*livre*) ou regra do *método* (*constritiva*)”; *cf.* R 3323, AA 16: 780: “Todo conhecimento e a totalidade do mesmo deve ser condizente a uma regra. Carência de regras é, ao mesmo tempo, irracionalidade. Mas esta regra é quer a maneira (*livre*), quer o método (*coerção*). O conhecimento como ciência deve dispor-se conforme um método. Pois este é uma totalidade do conhecimento e não só um agregado. O fundamento disso é o metódico [*schulgerecht*]”.

³⁰ *GMS*, AA 04: 450ss; trad. pt. de Guido Antônio de Almeida, São Paulo, Barcarolla, 2009.

porém ela seja digna de ocupar uma posição destacada de um ponto de vista antropológico, enquanto primeiro impulso para empreender o estudo. O primeiro passo provém do eixo sentimental, no qual o sujeito topa um objeto de pesquisa ainda por analisar e esclarecer. Não em vão, os homens apenas estudam aquelas matérias capazes de acordar o interesse deles e, sem a certeza de exercitar e alargar o uso das próprias faculdades, dificilmente os cientistas teriam iniciado suas investigações, como lembra uma passagem da *Primeira Introdução à Crítica do juízo* dedicada a Linneo³¹. Uma função semelhante a essa “obscura distinção do poder de julgar” é a exercida pelo gosto dos cientistas, que tomam especial afeição a alguma das máximas da razão, que só uma *Crítica do juízo* levará até o nível transcendental. De fato, quando cientistas tão heterogêneos como Ockham, Hyugens ou Bonnet preferem uma máxima da razão à outra —por exemplo, a máxima da unidade ou da diversidade da natureza— não exibem um conflito objetivo, pois a única coisa que os separa não é a natureza do objeto, mas “um interesse diferente da razão que dá origem à diferença do modo de pensar” (A 666/ B 694). Kant salienta que o desenvolvimento da ciência está fundamentado numa multiplicidade de “sentenças da sabedoria metafísica”³², que, caso foram entendidas corretamente, encontrariam o procedimento para conciliar os interesses das linhas de pesquisa que propiciam, dando satisfação assim ao ponto de vista da razão.

3. História e Método. As condições da ‘sociabilidade transcendental’ e a invenção dum modo de pensar metódico.

A *Metodologia do gosto* da terceira *Crítica* coloca a diferença entre ciência e arte, também presente no § 43 da mesma obra, que precisa ressaltar que uma *Crítica do gosto* não disporá de uma parte metódica, pois o único ensino admissível nesse campo consistirá em despertar no discípulo um espírito de descobrimento apropriado pela criação artística:

A divisão de uma crítica em doutrina elementar e em doutrina do método, que precede à ciência, não se deixa aplicar à crítica do gosto, porque não há nem pode haver uma ciência do belo e o juízo de gosto não é determinável por princípios. Pois em cada arte o científico, que se refere à *verdade* na apresentação de seu objeto, é com efeito a

³¹ *KUEE*, § V, AA 20: 215: “Como poderia Linné delinear um sistema da natureza, se tivesse de temer que, quando encontrasse uma pedra, que denominasse granito, esta poderia ser distinguida, segunda uma índole interna, de toda outra, que no entanto tivesse o mesmo aspecto, e assim só pudesse esperar encontrar, sempre, coisas singulares, como que isoladas para o entendimento, mas nunca uma classe delas, que pudesse ser trazida sob conceitos de gênero e de espécie”.

³² *KU, Einl.* § V, AA 05: 182.

condição indispensável (*conditio sine qua non*) da arte bela mas não a própria arte. Portanto, há somente uma *maneira* (*modus*) e não um *método* (*methodus*) de arte bela.³³

Nas belas artes, os mestres não transmitem aos discípulos regras que prescrevam exaustivamente o modo de proceder na produção da obra artística, pois se trata de uma atividade livre e não dirigida. À falta desses preceitos, os mestres devem escolher cuidadosamente os exercícios adequados para despertar nos aprendizes os esforços da imaginação, a fim de conformá-la livremente à legalidade do entendimento e reconhecer a insuficiência dos conceitos para expressar o conteúdo de ideias estéticas. Kant observa, tanto na terceira *Crítica* quanto nas *Lições de Lógica*, que a *propedêutica* que poderia contribuir para o aperfeiçoamento da arte bela é a cultura das faculdades do ânimo disponibilizada pelas matérias chamadas de *humaniora*. Com efeito, elas estimulam o “universal sentimento de participação” [*allgemeines Theilnehmungsgefühl*] e a “faculdade de poder *comunicar-se* íntima e universalmente”, propriedades condizentes com a *sociabilidade* que convém à *humanidade* [*Menschheit*], contribuindo a afastar essa condição das limitações animais. Num segundo passo relativo a essa preparação para a arte bela, Kant vê nas humanidades a herança direita daqueles povos – em uma clara referência aos povos grego e romano – nos quais foi especialmente vivo o “ativo impulso à sociabilidade *legal*” [*der rege Trieb zur gesetzlichen Geselligkeit*]³⁴, quer dizer, o cerne duma comunidade civil duradoura. Esse impulso [*Trieb*] obriga a harmonizar a liberdade e a igualdade original dos homens com uma coerção mais motivada pelo respeito do que por um medo animal, o que confluiria na invenção de uma “arte da comunicação recíproca das ideias da parte mais culta com a mais inculta”, geradora de um “meio termo” entre a riqueza e distinção da primeira e a simplicidade e originalidade da segunda, que se apresentaria como “padrão de medida correto”, o qual, no entanto, se apresenta como “norma indeterminada de um sentido comum”³⁵. Como último passo na apresentação dessa propedêutica, aponta-se o fato de o gosto ser uma faculdade de ajuizamento da sensificação de ideias morais [*Beurtheilungsvermögen der Versinnlichung sittlicher Ideen*]³⁶, de maneira que a cultura da receptividade a essa espécie de ideias, quer dizer, do sentimento moral [*moralisches Gefühl*] e o desenvolvimento [*Entwicklung*] delas seria o mais indicado para conferir ao gosto, à falta de preceitos, uma forma estável e imutável.

³³ *KU*, § 60, AA 05: 354-355.

³⁴ *KU*, § 60, AA 05: 355.

³⁵ *KU*, § 22, AA 05: 239.

³⁶ *KU*, § 60, AA 05: 356.

A brevíssima consideração metódica da *Crítica do juízo estético* focaliza, de um ponto de vista histórico, uma tarefa – a invenção que um povo faz da arte de formação de um corpo político – que a Crítica precisa reproduzir no plano transcendental. Não é à toa Kant que apresenta a Crítica nos *Prolegômenos* como a fornecedora de um *critério* [*Massstab*]³⁷ que faculta ao juízo, para discernir com fundamento entre saber e aparência, ultrapassando assim o horizonte da metafísica comum, que, embora constituísse uma cultura para a razão, era incapaz tanto de lhe indicar o caminho a tomar quanto de evitar a presunção por meio de afirmações gratuitas. Como afirma Kant, literalmente: “embora lhe afixasse valioso auxílio, era entanto incapaz de cumprir sua promessa”. A sociabilidade condizente à humanidade e os autênticos progressos da metafísica precisam, portanto, do estabelecimento de um critério com o qual avaliar os resultados obtidos na instituição de um corpo civil em forma de Estado e duma paz duradoura no campo de batalha metafísico. Com efeito, a Crítica infunde nos ânimos, pela primeira vez, “o genuíno espírito filosófico”, capaz de se confrontar com a erudição pedantesca, com a dogmática especulativa e com as aberrações místicas, inaugurando um “estado armado”, que mantém ativa a razão em face das inopinadas ameaças, e abrindo uma perspectiva de paz perpétua entre os filósofos³⁸.

Ainda que a tendência a comunicar os próprios pensamentos não baste para provar que os juízos estéticos *a priori* são possíveis, não deixa de ser um índice importante a presença dessa propensão humana à sociabilidade, que é necessário atualizar:

O fato de que o poder comunicar seu estado de ânimo, embora somente com vistas às faculdades cognitivas, comporte um prazer, poder-se-ia demonstrar facilmente (empírica e psicologicamente) a partir da tendência natural do homem à sociabilidade.³⁹

O gosto como mero fenômeno social já evidencia que as ações humanas respondem ao apelo de “um contrato originário que é ditado pela própria humanidade”⁴⁰, que não pode senão simpatizar com aquelas atividades que contribuem para que os indivíduos se comuniquem uns a outros os sentimentos deles como fomento da *sociabilidade* [*Geselligkeit*], enquanto desenvolvimento dum primitivo *impulso à sociedade* [*Trieb zur Gesellschaft*]. A ciência é também um espaço onde experimentar essa sociabilidade, na medida em que a satisfação que os cientis-

³⁷ *Proleg.*, “Proposta de um exame da *Crítica*”, AA 04: 383.

³⁸ *VNAEF*, AA 08: 492-493.

³⁹ *KU*, § 9, AA 05: 216.

⁴⁰ *KU*, § 41, AA 05: 297.

tas provam, ao sentir fortalecida a sua faculdade de conhecer, “pode ser comunicada aos demais”⁴¹. A imagem de Leibniz pousando novamente o inseto examinado ao microscópio na folha onde o encontrou, em sinal de gratidão pelo serviço providenciado (*ibid.*), simboliza o alcance dessa comunidade científica e do prazer que se experimenta, graças a ela. O jogo de expectativas gerado pela extensão do gosto força os homens, de uma maneira quase inconsciente, a manter vínculos de civilização que doutra maneira não surgiriam. Um homem abandonado numa ilha deserta, à *la Robinson Crusoe*, nunca encontraria a ocasião propícia para adornar com flores sua choupana, e ainda menos resolveria plantá-las para se enfeitar com elas, à falta de expectadores de toda essa diligência. Desse modo, a liberdade selvagem vai-se acostumando às restrições e regras exigidas para conviver numa comunidade, isto é, vão-se debilitando as tendências mais egoístas e destrutivas. Numa reflexão que Gérard Lebrun⁴² considerou uma formulação da necessidade que o homem tem de ser domesticado, ainda mais “brutal” segundo o pensador francês do que as invectivas de Nietzsche contra os mestres do melhoramento humano, lê-se o seguinte:

O estado melhor dos homens conforme a regra do Direito é a sociedade e o melhor estado do homem socializado com vistas à segurança dele é o poder irresistível que lhe força a proceder segundo esta regra do Direito. As ciências e artes fazem com que ele resista menos. Não se torna melhor por este meio, mas mais dócil. É possível atraí-lo através de alguns pequenos ganhos em prazer ou em honra. Em rigor, ele torna-se mais fraco, pois toda carência é um laço que o vincula às leis, mesmo que sejam arbitrárias.⁴³

Uma sociedade que tenha sabido harmonizar as diferenças de classe através da instituição de uma cultura comum constitui, segundo Kant, o espaço mais apropriado para o surgimento de um modo de pensar metódico. “Um bom modo de vida é a adequação do bem-viver à sociabilidade (portanto, ao gosto)”⁴⁴, modo de vida que pouco tem a ver

⁴¹ *KpV*, AA 05: 160.

⁴² Em “Surhomme et homme total”, versão francesa de Michèle Cohen-Halimi de uma versão portuguesa do artigo publicada na revista da Unicamp, *Manuscrito*, vol. II, nº 1, p. 125.

⁴³ R 6583, AA 19: 94: “Der beste Zustand der Menschen nach der Regel des Rechts ist die Gesellschaft, und der beste Zustand des Gesellschaftlichen Menschen in Ansehung seiner Sicherheit ist die [Gewalt] unwiderstehliche Gewalt, die ihn nöthigt, nach dieser Regel des Rechts zu verfahren. Die Wissenschaften und Künste machen, daß er weniger widerstehe. Er wird dadurch nicht Besser, sondern Zahmer. Man kan ihn leicht durch einigen kleinen Eintrag in seinem Vergnügen oder durch Ehre ziehen. Er wird eigentlich schwächer, weil eine iede Bedürfnis ein Band ist, daß ihn an die Gesetze bindet, wenn sie gleich willkürlich wären”.

⁴⁴ *ApH*, §72, AA 07: 250: “Gute Lebensart ist die Angemessenheit des Wohllebens zur Geselligkeit (also mit Geschmack)”.

com os excessos do luxo, contudo, com o exercício da livre transmissão dos pensamentos. A mesma expressão “ele sabe viver” – comenta Kant – , pronunciada a propósito de um homem rico ou nobre, indica a destreza da pessoa para escolher com moderação e sobriedade os seus prazeres sociais, tornando-os assim mais sólidos e duradouros. O texto da *Metodologia do gosto* contribui para fazer da procura dum modelo, isto é, da invenção livre de uma humanidade que está a desenvolver as suas disposições, um ato mais originário e decisório do que a aplicação duma regra, questão que, ao nosso juízo, percorre sutilmente a noção kantiana de uma doutrina do método. Textos como este contribuem para esclarecer a exigência, sublinhada por Kant nas *Lições de Pedagogia*, de o homem ser a única criatura que precise de educação, pois apenas a educação lhe permitirá apropriar-se da sua mesma razão⁴⁵. De qualquer forma, tanto a arte da educação quanto a arte do governo arraigam-se no “grande mistério da perfeição da natureza humana”⁴⁶, porém, dirigido pelo exercício da liberdade, que ninguém terá autoridade para adiar. Com intenções semelhantes às que nos movem aqui, alguns estudiosos dessa parte da obra crítica têm frisado a posição especial que a Arquitectônica ocupa, no contexto de uma lógica prática⁴⁷. Segundo a nossa opinião, algumas versões, as mais próximas da dimensão estética do método, vão um pouco mais longe nessa ideia, ao lembrar-nos de que os métodos foram inventados alguma vez e, sobretudo, foram inventados em sociedades interessadas pelas exigências do aperfeiçoamento da humanidade e da difusão das luzes da razão. O afastamento dos tempos nos quais a coletividade humana inventou a arte da comunicação recíproca dos conteúdos de pensamento de uns e outros, independentemente da proveniência social, torna difícil determinar se um bem como o sentido comum é “um princípio constitutivo da possibilidade da experiência”, quer dizer, uma faculdade com a qual tenhamos nascido, ou um “princípio regulativo”, por obra de um princípio procedente da razão. Se atentarmos para as consi-

⁴⁵ *Päd.*, AA 09: 441 e 443.

⁴⁶ *Päd.*, AA 09: 444 .

⁴⁷ *Vd. Cl. La Rocca, “Istruzioni per costruire. La Dottrina del metodo della prima Critica”, en: Id.: Soggetto e mondo. Studi su Kant, Venezia, Marsilio, 200, p. 214: “La metodologia della filosofia trascendentale rimanda all’uso autonomo della ragione come al proprio vero coronamento. Comprende una serie de indicazioni ‘tecniche’ tutt’altro che estrinseche nella sua disciplina, nel suo canone, il cui peso per una interpretazione della filosofia trascendentale non va sottovalutato, ma culmina in una indicazione che non é una regola per costruire, ma un modo di fare, quello dell’autonomia che alla fine deve scaturire dall’esigenza della totalità e coincidere con essa. L’*übersehen*, l’abbracciare con lo sguardo l’intera pianura dell’esperienza allude allora certamente alla prospettiva sistematica; ma il nostro sguardo (forse la metafora voleva dirci anche questo), se riusciamo a salire su un punto ‘alto abbastanza’ (se riusciamo non solo a costruire, ma anche ad abitare l’edificio), si spinge sempre oltre”.*

derações antropológicas que acompanham o estudo kantiano da faculdade de razão pura, parece que a segunda alternativa seria a mais provável, pois faz da universalidade do juízo de gosto o signo de que é possível atingir, mediante um artifício cultural⁴⁸, do qual só os homens serão responsáveis, uma unanimidade no modo de sentir deles e, assim, propiciar o surgimento de “uma faculdade fictícia ainda a ser adquirida”⁴⁹.

Com certeza, não teríamos compreendido corretamente o trecho do § 60 da terceira Crítica, caso o confundíssemos com um convite a recusar todo método científico em prol dum suposto método naturalista, proposta que apenas abriga uma presunçosa misologia:

Para que se possa chamar método a qualquer coisa, é preciso que essa coisa seja uma maneira de proceder segundo *princípios*. Ora, pode-se dividir o método atualmente dominante neste ramo de investigação em método *naturalista* e método *científico*. O *naturalista* da razão pura toma por princípio que, por meio da razão comum sem ciência (que chama a sã razão), pode conseguir-se muito melhores resultados, com respeito às questões mais sublimes, que constituem o tema da metafísica, do que pela especulação. Afirma, assim, que se pode determinar mais seguramente a grandeza da lua e a distância a que se encontra da terra pela simples medida visual do que pelos trâmites da matemática. É simples misologia arvorada em princípio e, o que há de mais absurdo, o abandono de todos os meios técnicos, tão elogiados como sendo o *verdadeiro método* de alargar o conhecimento. (A 855/ B 883)

A consciência de proceder conforme uma ordem metódica é o único caminho estreito que nos levará até a ciência, da mesma maneira que esta nos conduzirá à doutrina de sabedoria. As bases que um modo de pensar metódico possa ter, numa cultura do ânimo, não diminuem, mas acrescentam o abismo entre o que se sabe fazer – destreza exigida aos técnicos – e o que se sabe segundo princípios – tarefa que o filósofo deve levar a termo. Como enfatiza a *Logik-Busolt*⁵⁰, o *sistemático* do método opõe-se – observa Kant – ao *fragmentário* ou *rapsódico* segundo o modo de exposição. Às vezes, a exposição do sistema precisa se valer de peças decididamente rapsódicas, como pequenas histórias ou anedotas, símiles e instrumentos dessa ordem⁵¹, que representam uma concessão à necessidade de compreender também *in concreto* os conceitos. Embora na rapsódia não se perceba o fio da meada do conteúdo, o pro-

⁴⁸ *Idee*, sexta prop., AA 08: 23, nota: “[A] função do homem é também muito artificial” [*Die Rolle des Menschen ist also sehr künstlich*].

⁴⁹ KU, § 22, AA 05

⁵⁰ AA 24: 682-683; *cfr.* *Logik-Dohna Wundlacken*, AA 24: 779.

⁵¹ *Vd.* R 3329, AA 16: 782.

ceder *metódico* deve opor-se propriamente ao proceder *tumultuário*. Acharmos interessante salientar, no que diz respeito a este último proceder, que o tumultuário não causa prejuízo na fase de concepção dos pensamentos, onde uma explosão semelhante de liberdade e multiplicidade até resulta benéfica, mas acaba inequivocamente insuficiente, quando se tratar de unificar o resultado dessa atividade:

O método é propriamente a regra da *praxis* (exercício), na medida em que se tenha consciência dela. Primeiramente, se pensa de modo tumultuoso, depois conforme a regras, finalmente de modo metódico. O método é o último e o mais importante do pensamento.⁵²

A falta de disciplina interna do processo de descobrimento dos conceitos faz com que resulte impossível permanecer-se nesse estado, caso se os quiser apresentar e comunicá-los a outros. Por outra parte, conteúdos internamente metódicos, todavia, expostos exteriormente de maneira puramente fragmentária, serão chamados de *aforísticos*⁵³. Nestes casos, os autores descuidam de focar as transições e passagens entre uns passos e outros. Há unidade de pensamento, mas também carência de continuidade, como se, desta vez, o responsável por esta apresentação tivesse sido desorientado por um arriscado egoísmo lógico. As considerações de Kant sobre a maneira e o método levam-nos à conclusão de que o último deveria ser caracterizado por dois compromissos, isto é, pela aceitação da origem subjetiva e estética de todo acordo linguístico, registrada na condição de comunicabilidade de toda proposição universalmente objetiva⁵⁴, e pelo projeto de alargar as dimensões do público conhecedor dos conteúdos científicos, quer dizer, um dos fins essenciais ao acontecimento do Iluminismo. Este segundo momento precisará da participação interessada do público leitor, que como auxiliares (A XXI) favoreçam, uma vez fixados os alicerces do edifício dos conhecimentos oferecidos pela razão pura, a extração das doutrinas derivadas e a didática da Metafísica, cujos conteúdos já tenham sido inventariados.

Resumo: O artigo trata o pequeno capítulo *Metodologia do gosto*, no final da *Crítica da faculdade de juízo estética* (§ 60), a fim de examinar a teoria kantiana da origem estética da sociabilidade legal, que supostamente tem resultado no primeiro corpo político na Grécia Antiga. Na medida em que as duas condições, de um sentimento universal de simpatia e intimidade e da comunicação univer-

⁵² R 3327, AA 16: 781.

⁵³ *Vd. Logik-Jäsche*, §§ 116 “Método sistemático ou método fragmentário” e Obs., AA 09: 148-149. *Cfr. Logik-Busolt*, AA 24: 682-683.

⁵⁴ *KU*, § 9, AA 05: 217.

sal, são determinantes para a sociabilidade apropriada do homem, elas constituem, em nossa opinião, a base para toda cultura futura do método. Além disso, elas mostram que a maneira (*Manier*) ou o modo estético de exposição prepara e conduz à cultura de um método (*Methode*) lógico em que a unidade do discurso depende de princípios universais e objetivos, e não apenas de sentimentos subjetivos. Queremos ressaltar, em particular, que, em Kant, a questão do método é inseparável do longo processo da educação comunitária referente a costumes sociais, cultura humana e harmonia político-jurídica, priorizando os interesses dos homens e o sentido cósmico da filosofia, contra os monopólios das escolas.

Palavras-chave: metodologia, gosto, *modus aestheticus*, *modus logicus*, popularidade, sociabilidade

Abstract: The article deals with the brief *Methodology of taste* that closes the *Critique of aesthetic judgment* (§ 60), in order to examine the Kantian theory of the aesthetical origin of legal sociability, which allegedly gave rise to the first political body in the ancient Greece. Insofar as both conditions of universal feeling of sympathy and intimate and universal communication are determinants for the sociability appropriate to the man, they constitute, in our opinion, the basis for every future culture of method. Moreover, they show that the *manner* (*Manier*) or aesthetical mode of exposure prepares and leads to the culture of a logical *method* (*Methodus*), where the unity of discourse depends on universal and objective principles and not merely on subjective feelings. We want to stress especially that the question of method is indissoluble in Kant of a long process of communitarian education concerning social customs, *humaniora* culture and juridical and political harmony, which gives priority to the interests of men and to the cosmic sense of philosophy with regard to monopolies of schools.

Keywords: methodology, taste, *modus aestheticus*, *modus logicus*, popularity, sociability

Recebido em 24/10/2011; aprovado em 20/12/2011.